



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Canella Seixas, Vivian; Ramalho de Alkmim, Mônica Guieiro; Chaves, Elaine
Construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, Estado de Minas
Gerais: uma análise variacionista
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 34, núm. 2, julio-diciembre, 2012, pp. 269-276
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426652014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, Estado de Minas Gerais: uma análise variacionista

Vivian Canella Seixas^{1*}, Mônica Guieiro Ramalho de Alkmim¹ e Elaine Chaves²

¹Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Rua do Seminário, s/n, 35420-000, Mariana, Minas Gerais, Brasil. ²Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: vi_seixas@yahoo.com.br

RESUMO. O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, estado de Minas Gerais. As construções selecionadas foram: [Não V]; [Não V Não] e [V Não]. O arcabouço teórico-metodológico utilizado para a realização do trabalho foi a Sociolinguística. Para efeito de descrição, foram considerados dois fatores externos: o sexo e a faixa etária. A partir da análise do *corpus* e da comparação com outros trabalhos sobre as negativas no dialeto mineiro – Camargos (1998), Alkmim (2001) e Sousa (2004) –, verificou-se que as *variantes inovadoras* [Não V Não] e [V Não] apresentam um perfil de uma possível *mudança em progresso* e que o sexo masculino estaria levando à frente esta mudança.

Palavras-chave: construções negativas, variação linguística, mudança em progresso, sociolinguística, dialeto mineiro.

Negative constructions in the speech of residents of the rural area of Piranga, Minas Gerais State: a variational analysis

ABSTRACT. This paper aims to describe and to analyze negative constructions in the speech of residents of the rural area of Piranga, Minas Gerais State. The selected constructions were: [Não V], [Não V Não] and [V Não]. The theoretical framework used to perform the work was the Quantitative Sociolinguistics. For purposes of description, we used two external factors: sex and age. From the *corpus* analysis and the comparison with other works about the negatives in the Mineiro Dialect - Camargos (1998), Alkmim (2001) and Sousa (2004) - it was found that the *innovative variants* [Não V Não] and [V não] present a profile of a possible *change in progress* and that males would be taking forward this change.

Keywords: negative constructions, linguistic variation, change in progress, sociolinguistics, mineiro dialect.

Introdução

Considerada um universal linguístico, a negação é tema de grande interesse de estudiosos da língua, o qual oferece múltiplas possibilidades de análises e de discussões, seja qual for o enfoque a ser adotado na investigação. E, além de ser um recurso utilizado em todas as línguas, sabe-se que cada uma delas apresenta suas estratégias particulares para expressar este fenômeno. É importante ressaltar que, no Português Brasileiro (doravante PB), observa-se a existência de numerosa variedade de expressões com valor negativo, que se manifestam de diversas maneiras na língua. Dentre as diversas maneiras de expressão da negação no PB, pode-se verificar¹:

(1) a negação sentencial – “Nossa mais eu ‘não’ tenho todo esse dinheiro”.

(2) a negação de constituintes – “Ele está ‘sem’ dinheiro”.

(3) a negação lexical – “O ‘não’-pagamento do carnê pode levar à suspensão [...]”.

Buscou-se, dessas três formas de expressão, verificar o uso das expressões negativas sentenciais no dialeto mineiro, a fim de contribuir para a descrição da sistematicidade de uso dessas construções no PB. Assim, no presente trabalho, pretende-se descrever as variantes para expressar a negação sentencial formadas pela partícula ‘não’, encontradas em transcrições de entrevistas sociolinguísticas realizadas na zona rural do município de Piranga, Estado de Minas Gerais e verificar se existe, em curso, um processo de ‘mudança em progresso’.

Podem ser citadas, como exemplos, as seguintes construções negativas retiradas do *corpus* analisado: (i) a negativa pré-verbal [Não V], em que a partícula ‘não’ se localiza antes do verbo; (ii) a negativa pré e

¹O exemplo (i) foi retirado do *corpus* deste trabalho e os exemplos (ii) e (iii) foram retirados de Alkmim (2001).

pós-verbal [Não V Não], em que há a presença de duas partículas ‘não’, uma anterior e outra posterior ao verbo; (iii) a negativa pós-verbal [V Não], com a partícula ‘não’ colocada após o verbo. Além desses exemplos, encontraram-se também, como em (4), construções negativas que apresentam um ‘item negativo’ anterior ao verbo [Neg V]².

- (4) Nossa mais eu ‘não tenho’ todo esse dinheiro (E1)³
 (5) Mais ele ‘não morreu não’ né? (E16)
 (6) ‘Brigava não’... (E15)
 (7) ...ele ‘nunca contô’... (E8)

Ao se observar os recursos de negação encontrados no *corpus*, duas questões se mostraram pertinentes: (i) qual a origem de cada uma das formas?; (ii) a origem dessas estruturas negativas interfere no espriamento das formas? Respostas a essas questões serão dadas nos tópicos a seguir.

Quadro teórico

Conhecer a origem das formas investigadas contribui para a descrição do PB. Logo, observar o espriamento das negativas corresponde a verificar se se tem um caso de ‘variação estável’ ou de ‘mudança em progresso’ e, ainda, investigar o papel dos fatores sociais no uso de tais formas.

Sobre o contexto anterior, é importante mencionar que na ‘variação estável’, de acordo com Lucchesi (2004), conclui-se que o quadro de variação tende a se manter ainda por um longo período, já que não se verifica uma tendência de predominância de uma variante linguística sobre as outras formas. Por sua vez, ainda conforme o autor supracitado, o diagnóstico de ‘mudança em progresso’ implica que o processo de variação caminha para a sua resolução em favor de uma das variantes identificadas, que deve se generalizar, tornando-se o seu uso praticamente categórico dentro da comunidade de fala. Nesse quadro, as outras variantes tenderiam a cair em desuso.

Segundo Donadze (1981) e Schwegler (1983), a construção do tipo [Não V] (exemplo (1)) foi identificada em línguas como Espanhol, Indo-Europeu, Latim, Italiano, Português do Brasil e de Portugal, Romeno, etc. Ainda, de acordo com os autores, a construção [V Não] (exemplo (3)) é muito rara, sendo encontrada em línguas como o Provençal, Piemontês e Milanês.

Como afirma Alkmim (2001, p. 4),

Dentre as línguas que fazem uso da construção negativa com dois elementos [Não V Não], são

poucas as que apresentam a repetição do mesmo item negativo, como o Português do Brasil.

Nesse quadro, esse tipo de repetição é encontrada no Afrikans⁴ (SCHWEGLER, 1983), no Palenquero⁵ (HOLM, 1988) e no Espanhol da República Dominicana (SCHWEGLER, 1992).

Qual seria então a origem das estruturas [Não V Não] e [V Não] no PB? Para Schwegler (1991), a construção [Não V Não] não esteve presente no Português Arcaico, ou seja, é uma inovação do PB. Segundo Alkmim (2001), essa informação não é válida, pois, utilizando-se de autores do Português Europeu dos séculos XVI até o XX⁶, a autora comprovou a presença dessa estrutura já no Português Quinhentista, como pode ser visto no exemplo ‘Nam hei-de ir a França nam’, retirado da peça Auto da Fama, de Gil Vicente.

Estudiosos como Holm (1988), Bernini e Ramat (1996), Baxter e Lucchesi (1997) e Baxter (1998), trabalharam com a hipótese de que a dupla negativa [Não V Não] surgiu no PB no contato com línguas africanas (influência de substrato⁷). Para Gonçalves (1994) e Martins (1997), a dupla negativa é resultado, nos estudos da teoria gerativa, de mudança paramétrica⁸.

Furtado da Cunha (1996) afirma que as negativas no PB são apresentadas em um ciclo, que teria se iniciado com a estrutura [Não V], passado posteriormente para [Não V Não] e finalmente a [V Não]. A causa do aparecimento do segundo ‘não’ em [Não V Não] tem como hipótese o enfraquecimento do primeiro ‘não’, hipótese compartilhada por Salles Filho (1980).

A proposta elaborada por Alkmim (2001), em análise com dados diacrônicos, considera o segundo ‘não’ um item que não fazia parte da oração e foi, posteriormente, a ela incorporado. Neste sentido, a análise proposta por Alkmim (2001) não corrobora as hipóteses acima mencionadas para o surgimento do segundo item ‘não’, que envolvem contato com línguas africanas, enfraquecimento do primeiro item ‘não’ ou mudança paramétrica. A partir desse contexto, é importante mencionar que o presente trabalho assume a proposta enunciada por Alkmim (2001).

Em relação às construções negativas (1), (2) e (3) acima citadas, Alkmim (2001) afirma que a

⁴Segundo Alkmim (2001), Afrikans é falado na África do Sul.

⁵De acordo com Alkmim (2001), Palenquero é um crioulo falado em uma comunidade rural de El Palenque, Colômbia.

⁶Os autores portugueses utilizados por Alkmim (2001) foram os seguintes: Gil Vicente, Camões, P.R.F. Lobo, Almeida Garrett, C. Castelo Branco, José Régio e D. J. Câmara.

⁷Língua de substrato é aquela que, em situação de contato linguístico, é substituída parcialmente ou totalmente por outra língua (ALKMIM, 2001).

⁸Não se está desconsiderando as contribuições gerativistas para o estudo das negações, no entanto, tais contribuições não serão necessárias para os objetivos deste trabalho.

²Ressalta-se que as construções negativas que apresentam a estrutura [Neg V] não foram selecionadas para análise no presente estudo.

³A especificação entre parênteses se refere ao número da entrevista da qual a exemplificação foi retirada.

construção [Não V] é considerada a forma canônica. Somente esta forma é apresentada pela Gramática Tradicional (GT) e, de acordo com Chaves (2003), em sua monografia de Bacharelado intitulada *Estruturas Negativas em Cartas Pessoais do Século XIX e Primeira Metade do Século XX*:

[...] as construções [Não V Não] e [V Não] não são praticamente estudadas pelos gramáticos tradicionais. Apenas Machado Filho (1947, p. 108) faz um pequeno comentário e apresenta a construção [Não V Não] reduzindo-se a [V Não] em algumas regiões do Brasil (CHAVES, 2003, p. 12).

Chaves (2003) afirma, ainda, que as Gramáticas Tradicionais, apesar de apresentarem poucas informações sobre os tipos de estruturas negativas (BECHARA, 2000; CUNHA, 1986; LUFT, 1983), em alguns casos fornecem algumas considerações a respeito da atitude do falante em relação às negativas [Não V Não] e [V Não], ou seja, sobre a avaliação social que essas formas recebem.

Observando-se a atitude do falante quanto ao uso da negativa [Não V Não], Nunes (1945, p. 152) afirma que tal estrutura não é somente usada pelo falante comum, mas também por grandes escritores, uma vez que “[...] a língua é o que é, e não o que queremos que ela seja”, muito embora considere esta construção como não pertencente à norma padrão. Esboçando o mesmo tipo de julgamento, Carneiro (1957, p. 391) entende tal construção como “[...] uma forma vulgar de expressão de todo brasileiro”.

Para verificar o estigma, que alguns desses gramáticos apontaram sobre as ‘formas inovadoras’, Alkmim (2001)⁹ apresenta um teste de avaliação das negativas por parte dos falantes. Os resultados obtidos pela autora mostraram que é mais provável que profissionais como advogados, professores e comerciantes, por exemplo, utilizem com mais frequência a ‘forma canônica’. A construção [Não V Não] não pareceu ser estigmatizada, uma vez que foi usada por todas as profissões testadas, enquanto a estrutura [V Não] foi utilizada com frequência por informantes que possuíam profissões socialmente estigmatizadas.

Tendo em vista que, embora não se possa identificar decisivamente a origem das construções [Não V Não] e [V Não], pode-se afirmar que as ‘formas inovadoras’ das construções negativas não surgiram do contato com línguas africanas e que

ocorrem no Português Europeu desde o Português Quinhentista. Sendo assim, pode-se dizer também que não se trata de um fenômeno tipicamente do PB, mas que nele se manifesta de maneira marcante.

Nesse sentido, respaldados por vários estudos sociolinguísticos, como Schwegler (1983, 1991), Camargos (1998), Furtado da Cunha (1996), Alkmim (2001) e Ramos (2002), que trazem contribuições importantes sobre o uso das construções negativas aqui estudadas, este trabalho assume que há um processo de ‘mudança em progresso’ delineado pelo fenômeno, no qual a ‘variante inovadora’ [Não V Não] não é considerada estigmatizada no PB.

Metodologia

O objetivo geral desse trabalho é, portanto, apresentar uma análise variacionista das negativas sentenciais na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, Estado de Minas Gerais. Os objetivos específicos buscados são: a) descrever as três construções negativas [Não V], [Não V Não] e [V Não], presentes no *corpus* analisado e apresentar índices de frequência e probabilidade de uso dessas construções; b) apontar e avaliar a força de atuação das variáveis independentes externas, quais sejam: faixa etária e sexo; c) comparar os resultados da quantificação referentes à realização das variantes em questão, com os resultados obtidos por Camargos (1998), Alkmim (2001) e Sousa (2004), também em estudos sobre o dialeto mineiro.

Para a análise dessas construções negativas, trabalhou-se com um *corpus* composto por transcrições de entrevistas sociolinguísticas realizadas nas localidades de Taquaraçu, Vargem do Engenho, Caatinga, Jorge e Tabuão, que pertencem ao município de Piranga, Estado de Minas Gerais.

A escolha do *corpus* deu-se pelo fato de que tais comunidades pertencem ao município de Piranga, cidade de passado histórico semelhante ao de Mariana e de Ouro Preto, porém ainda não explorado no que se refere ao estudo da língua. E também pelo fato de contribuir para a descrição do dialeto mineiro.

Seguindo a metodologia de Labov (1972, 2008), o *corpus* escolhido para a análise é composto por 30 entrevistas de 30 minutos cada, versando sobre vários assuntos, tais como: trabalho, política e morte. Ainda, este *corpus* é composto por 15 informantes do sexo masculino e 15 informantes do sexo feminino, e cada um desses dois grupos encontra-se subdividido, de acordo com a faixa etária do informante, em três outros grupos: a) jovens – 6 a 24 anos; b) medianos – de 25 a 59 anos; c) Idosos – acima de 60 anos.

⁹Alkmim (2001) aplicou um teste psicológico com o objetivo de testar a avaliação que os informantes apresentam das variantes [Não V Não] e [V Não]. Foi aplicado um total de 50 testes de avaliação de variantes da negativa a informantes jovens e medianos, com 2º grau completo, nascidos e moradores na cidade de Mariana.

Análise dos dados

Computou-se, no *corpus* analisado, um total de 2.605 construções negativas, como pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição das construções negativas nas entrevistas.

Construções	Nº	%
[Não V]	1505	57
[Não V Não]	1021	40
[V Não]	79	3
Total	2605	100

Considerando as porcentagens apresentadas acima, tem-se que a variante [Não V], considerada ‘canônica’, é bastante frequente em relação às outras construções negativas (57%). Pode ser observada na construção [Não V Não], considerada ‘variante inovadora’, uma proporção muito expressiva em relação ao *corpus* analisado (40%). A porcentagem da construção [V Não] foi mínima (3%).

Os Pesos Relativos (PRs) obtidos no tratamento estatístico dos dados serão apresentados, à direita das tabelas, na análise dos fatores externos que foram investigados: a faixa etária e o sexo.

A ocorrência das variáveis independentes externas foi observada, primeiramente, em relação à faixa etária dos informantes e pode ser visualizada na Tabela 2.

Tabela 2. Taxa de uso das construções negativas em função da faixa etária.

Construções	Idosos			Medianos			Jovens			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
[Não V]	536	60,5	.52	763	60	.52	206	46,2	.39	1.505
[Não V Não]	334	37,6	.48	476	37,4	.48	211	47,3	.60	1.021
[V Não]	17	1,9	.39	33	2,6	.48	29	6,5	.76	79
Total	887			1.272			446			2.605

A comparação dos resultados apresentados na Tabela 2, acima, mostra a existência de perfis diferentes, o que pode sugerir competição entre as estruturas negativas. Tal competição se deve à faixa etária, uma vez que, em um quadro geral, a canônica apresenta uma frequência de uso decrescente e as inovadoras apresentam uma frequência de uso crescente.

Para uma análise mais detalhada, a Figura 1, lança mão dos PRs das três rodadas binárias e mostra o perfil das construções negativas com relação à faixa etária dos informantes.

Pode-se verificar que, ao observar os dados da Tabela 2, a forma considerada ‘canônica’ [Não V] tem a mesma probabilidade de realização na fala dos idosos (.52) e na dos medianos (.52), decrescendo na fala dos jovens (.39).

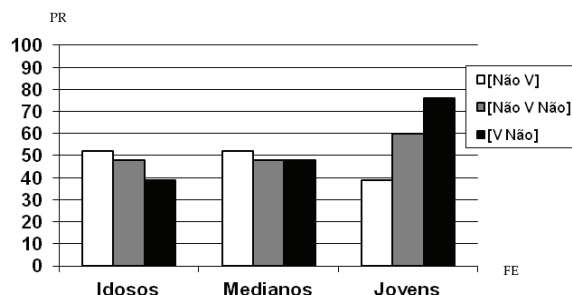


Figura 1. Efeito do fator faixa etária (FE) sobre o uso das construções negativas.

Com relação à construção [Não V Não], pode-se observar que esta apresenta o perfil de ‘forma inovadora’, uma vez que a maior probabilidade de realização dessa forma se encontra entre os jovens (.60), e a menor entre os idosos (.48), evidenciando, assim, um perfil que se assemelha ao de uma ‘mudança em progresso’, como mostra a Figura 2.

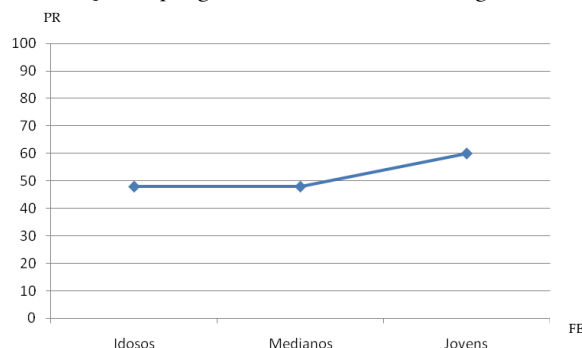


Figura 2. Efeito do fator faixa etária (FE) sobre o uso da variante [Não V Não].

A construção [V Não] (também com perfil de ‘variante inovadora’) apresenta maior probabilidade de realização entre os jovens (.76), diminuindo na fala dos medianos (.48) e na fala dos idosos (.39), fato que evidencia, também, um perfil de ‘mudança em progresso’, como se pode visualizar na Figura 3.

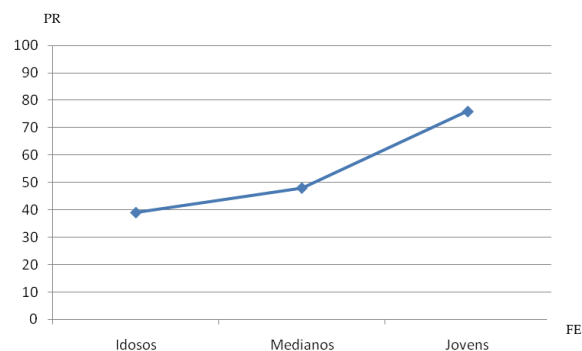


Figura 3. Efeito do fator faixa etária (FE) sobre o uso da variante [V Não].

Ao se analisar a ocorrência das estruturas [Não V Não] e [V Não], pode-se perceber que estas apresentam um perfil de ‘mudança em progresso’ em relação à construção [Não V], uma vez que nas três faixas etárias analisadas, os jovens apresentam as maiores probabilidades de realização de tais estruturas.

Nesse caso, quem estaria levando à frente a possível ‘mudança em progresso’ entre os jovens? Para tentar responder à indagação, considerou-se o fator sexo na realização da pesquisa, e os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. Taxa de uso das construções negativas em função do sexo.

Construções	Masculino			Feminino			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
[Não V]	822	56,1	.47	683	59,9	.52	1.505
[Não V Não]	591	40,4	.50	430	37,6	.47	1.021
[V Não]	51	3,5	.55	28	2,45	.42	79
Total	1.464	100		1.141	100		2.605

Pode-se visualizar, em peso relativo, o perfil do uso das construções negativas em função do sexo dos informantes.

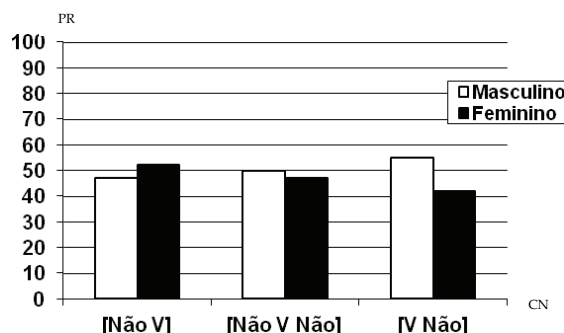


Figura 4. Efeito do fator sexo sobre o uso das construções negativas (CN).

Pode-se ver, de acordo com o resultado, que a ‘variante canônica’ [Não V] ocorre com maior probabilidade entre as informantes do sexo feminino, o que é previsível, tendo em vista o comportamento conservador das mulheres diante do uso da variação de prestígio, enquanto a maior probabilidade do uso das variantes [Não V Não] e [V Não] ocorre entre os informantes do sexo masculino, o que possibilita considerar que tais inovadoras possam ser estigmatizadas pelo falante.

É interessante observar a proximidade entre a probabilidade de realização da ‘inovadora’ [Não V Não] com relação ao sexo do falante (sexo masculino .50 e sexo feminino .47). A diferença é estatisticamente insignificante e pode sugerir que a [Não V Não] não seja, na prática da língua, estigmatizada.

Discussão

O objetivo geral desse trabalho foi analisar construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, Estado de Minas Gerais. Para efeito de descrição, quantificaram-se os dados levantados, utilizando-se dois fatores externos: o sexo e a faixa etária.

A presente investigação foi realizada com o intuito de responder às seguintes indagações:

(a) Há um perfil de ‘mudança em progresso’ na realização das variantes?

(b) Se se tratar de ‘mudança em progresso’, quem estaria levando à frente tal mudança, os homens ou as mulheres?

Como demonstrado no item anterior, com base em análise no tempo aparente, recurso metodológico que vê a ‘mudança em progresso’ através da ‘variação’ observada na língua em um dado momento (ALKMIM, 2001), considerando no mínimo três faixas etárias, pode-se dizer que a negativa considerada ‘canônica’ é a [Não V] e as ‘inovadoras’ são [Não V Não] e [V Não]. As duas ‘variantes inovadoras’ evidenciam curvas de ‘mudança em progresso’, uma vez que apresentam um perfil ascendente com relação aos informantes mais jovens.

Com relação ao grupo que estaria levando à frente tal mudança, constatou-se ser o dos informantes do sexo masculino. Tal fato sugere que as variantes [Não V Não] e [V Não] sejam estigmatizadas, uma vez que, de acordo com a literatura, as mulheres têm maior preferência pelo uso das variantes linguísticas mais privilegiadas socialmente.

É interessante observar, no entanto, a proximidade entre a probabilidade de realização da inovadora [Não V Não] com relação ao sexo do falante (sexo masculino .50 e sexo feminino .47). A diferença é estatisticamente insignificante¹⁰, uma vez que é de apenas .03, e pode sugerir que a [Não V Não] não seja, na prática da língua, estigmatizada. Por sua vez, é provável que apenas a [V Não] seja estigmatizada pelos falantes. Tais resultados também são apresentados por Alkmim (2001) no teste de avaliação das variantes que realizou, em que a [Não V Não], apesar de inovadora, não é estigmatizada pelos falantes e, por sua vez, a [V Não] apresenta o estigma.

Outro objetivo proposto, aqui, é fazer uma comparação entre os resultados apresentados por Camargos (1998), Alkmim (2001) e Sousa (2004) e os resultados apresentados pelo presente trabalho. Tal comparação se torna importante por analisar a fala de moradores da zona urbana e da zona rural pertencentes ao dialeto mineiro¹¹.

¹⁰O presente trabalho considerou como estatisticamente significante o valor, em peso relativo, igual ou maior a .05.

¹¹Entende-se, aqui, dialeto mineiro conforme Zágari (1998).

A Tabela 4, a seguir, apresenta as porcentagens das construções negativas obtidas nos estudos sobre o dialeto mineiro dos autores acima citados.

Tabela 4. Frequência das construções negativas nos estudos sobre o Dialeto Mineiro.

Construções	Camargos (1998) Belo Horizonte	Alkmim (2001) Mariana	Alkmim (2001) Pombal*	Sousa (2004) Mariana
[Não V]	72 %	77 %	64 %	72 %
[Não V Não]	24 %	21 %	31 %	25 %
[V Não]	4 %	2 %	5 %	3 %

*Zona rural.

A Tabela 4 apresenta proximidade entre as porcentagens apresentadas nos estudos com *corpora* de Mariana e Belo Horizonte. Apenas Pombal (*corpus* rural) apresenta alguma diferença. O uso da canônica em Pombal foi menor do que em Belo Horizonte e Mariana, enquanto o uso da [Não V Não] obteve o maior índice em Pombal (31%), o mesmo acontecendo com a [V Não] (5%).

Ao se compararem os dados dos autores acima citados com os obtidos no presente trabalho, chega-se aos resultados apresentados na Tabela 5.

É interessante observar que houve aqui, também, uma proximidade entre os resultados advindos de *corpora* rurais como Pombal e zona rural de Piranga, ou seja, nesses dois *corpora* rurais, em comparação aos *corpora* urbanos, houve uma queda no uso da ‘canônica’ [Não V] e um aumento no uso da ‘inovadora’ [Não V Não] (Pombal 31% e zona rural de Piranga 40%). Sobre a construção [V Não], o *corpus* da zona rural de Pombal, porém, apresentou uma taxa mais elevada na porcentagem do que o *corpus* da zona rural de Piranga (5% e 3%, respectivamente).

Tais resultados sugerem comportamento diferenciado com relação ao uso das variantes negativas nos centros urbanos e na zona rural, onde a ‘mudança em progresso’ parece estar mais avançada.

A fim de comparar os resultados obtidos por Alkmim (2001) em Mariana e em Pombal, e por Sousa (2004) em Mariana, aos obtidos por Seixas (2009) na zona rural do município de Piranga, considerando-se as três faixas etárias investigadas (Tabela 6). Os resultados serão apresentados em peso relativo.

Após a análise da Tabela 6, com relação à construção [Não V], verifica-se nos três primeiros trabalhos um perfil decrescente de uso em relação à idade. Portanto, os idosos, em todos os *corpora*, foram os informantes com maior probabilidade de utilização da estrutura negativa [Não V] (.61 e .59 em Mariana; .54 em Pombal e .52 na zona rural). Em segundo lugar, na utilização da [Não V] estão os medianos e, por fim, encontram-se os jovens com as

menores probabilidades de utilização da forma ‘canônica’ (.41 e .43 em Mariana; .43 em Pombal e .39 na zona rural).

Com relação à estrutura [Não V Não], os idosos apresentaram, em todos os *corpora*, a menor probabilidade de realização dessa estrutura (.39 e .42 em Mariana; .39 em Pombal e .48 na zona rural). A maior probabilidade de realização da estrutura encontra-se entre os jovens em todos os *corpora* (.60 e .56 em Mariana; .61 em Pombal e .60 na zona rural).

Tabela 5. Comparação entre os estudos sobre o dialeto mineiro com o presente trabalho.

Construções	Camargos (1998) Belo Horizonte	Alkmim (2001) Mariana	Alkmim (2001) Pombal*	Sousa (2004) Mariana	Seixas (2009) ¹²
[Não V]	72 %	77 %	64 %	72 %	57 %
[Não V Não]	24 %	21 %	31 %	25 %	40 %
[V Não]	4 %	2 %	5 %	3 %	3 %

*Zona rural.

Tabela 6. Taxa de probabilidade de uso das construções negativas no dialeto mineiro de acordo com a faixa etária.

Idade	Autor	[Não V]	[Não V Não]	[V Não]
Idosos	Alkmim (Mariana)	.61	.39	.36
	Sousa (Mariana)	.59	.42	.28
	Alkmim (Pombal)	.54	.39	.53
	Seixas (zona rural)	.52	.48	.39
Medianos	Alkmim (Mariana)	.50	.49	.58
	Sousa (Mariana)	.55	.45	.44
	Alkmim (Pombal)	.52	.50	.44
	Seixas (zona rural)	.52	.48	.48
Jovens	Alkmim (Mariana)	.41	.60	.56 ¹³
	Sousa (Mariana)	.43	.56	.59
	Alkmim (Pombal)	.43	.61	.54
	Seixas (zona rural)	.39	.60	.76

A estrutura [V Não] também apresenta entre os idosos a menor probabilidade de realização (salvo exceção de Pombal .53), crescendo esta probabilidade até chegar aos jovens (.56 e .59 em Mariana; .54 em Pombal e .76 na zona rural).

Os resultados apresentados nessa tabela parecem apontar para uma possível substituição da forma ‘canônica’ pelas ‘variantes inovadoras’, considerando o tempo aparente.

É interessante observar que, ao se compararem os vários *corpora*, o da zona rural próxima ao município de Piranga foi o que apresentou a menor probabilidade de realização da ‘canônica’ entre os jovens (.39) e a maior probabilidade de realização das ‘inovadoras’ também entre os jovens (.60 para [Não V Não] e .76 para [V Não] – com exceção da [Não V Não] para Pombal .61). Pode-se sugerir que a possível ‘mudança em progresso’ esteja, nessa região mais distante de Mariana, mais avançada do que na região urbana.

¹²Zona rural do município de Piranga.

¹³Alkmim (2001) afirma que esse leve declínio no perfil da [V Não], com relação aos jovens, pode ser interpretado como decorrente do caráter estigmatizado da referida construção (de acordo com o teste de avaliação realizado pela autora em Mariana).

Considerações finais

Embora não se possa ainda identificar como surgiram as construções negativas no PB, pode-se observar que as duas questões iniciais, a saber: qual a origem de cada uma das formas? A origem dessas estruturas negativas interfere no espalhamento das formas?, puderam ser respondidas na medida em que se notou que o uso das formas inovadoras não é considerado tão estigmatizado pelos falantes, seja na variedade urbana ou seja na variedade rural, ao contrário do que apontam os gramáticos. Este fato se tornou ainda mais evidente nos resultados aqui apresentados ao se avaliar o uso das variantes inovadoras por homens e mulheres.

A observação da variável idade e a comparação dos resultados dos falantes da zona rural com os falantes da zona urbana apontaram para um perfil de ‘mudança em progresso’ delineado tanto na amostra aqui utilizada, representativa do dialeto rural, quanto em amostras do dialeto urbano.

Tendo em vista os resultados obtidos, o objetivo central de descrever o uso das construções negativas no dialeto mineiro foi cumprido, contribuindo para a descrição do próprio dialeto mineiro. Nesse sentido, a partir da análise do *corpus* e da comparação com outros trabalhos sobre as construções negativas, o presente trabalho verificou que as ‘variantes inovadoras’ [Não V Não] e [V Não] apresentam um perfil de uma possível ‘mudança em progresso’ e que o sexo masculino estaria levando à frente esta mudança.

Referências

- ALKMIM, M. **As negativas sentenciais no dialeto mineiro**: uma abordagem variacionista. 2001. 260f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)-Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.
- BAXTER, A. M. O português vernáculo do Brasil. In: PEARL, M.; SCHWEGLER, A. (Ed.). **América negra**: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesa y criollas. Frankfurt: Vervuert, 1998. p. 71-173.
- BAXTER, A. M.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 19, p. 65-83, 1997.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- BERNINI, G.; RAMAT, P. **Negative sentences in the languages of europe a typological approach**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1996.
- CAMARGOS, M. A negativa: uma análise qualitativa. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES, 5., 1998, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 1998. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/clca03.htm>>. Acesso em: 1 nov. 2009.
- CARNEIRO, N. **Lições de português**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.
- CHAVES, E. **Estruturas negativas em cartas pessoais do século XIX e primeira metade do século XX**. 2003. 76f. Monografia (Bacharelado em Estudos Linguísticos)-Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2003.
- CUNHA, C. F. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/FAE, 1986.
- DONADZE, N. Quelques remarques concernant les constructions négatives dans le langage romanes. **Quaderni di Semantica**, n. 2, p. 297-301, 1981.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO (Org.). **Gramaticalização no Português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 167-189.
- GONÇALVES, F. M. R. **Negação frásica em Português**. Caracterização sintática com referência ao processo de aquisição. 1994. 349f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva - Psicolinguística)-Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.
- HOLM, J. **Pidgins and creoles**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. v. I-II.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.
- LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1983.
- MARTINS, E. E. **Sentential negation in spoken Brazilian Portuguese**. Washington D.C.: Georgetown University Press, 1997.
- NUNES, J. J. **Gramática histórica do Português**. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1945.
- RAMOS, J. A Alternância entre “Não” e “Num” no dialeto mineiro: um caso de mudança lingüística. In: COHEN, M.; RAMOS, J (Org.). **Dialeto mineiro e outras falas**. Belo Horizonte: FAL/UFMG, 2002. p. 155-167.
- SALLES FILHO, A. **A negação em Vila dos Confins**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- SCHWEGLER, A. A Predicate negation and word-order change – a problem of multiple causation. **Lingua**, n. 61, p. 297-334, 1983.
- SCHWEGLER, A. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress. **Orbis**, n. 34, p. 187-214, 1991.
- SCHWEGLER, A. La doble negación dominicana y la genesis del español caribeño. **Hispanics Linguistics** 8, p. 246-315, 1992.
- SEIXAS, V. **As construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga – MG**: uma análise variacionista. 2009. 54f. Monografia

(Bacharelado em Estudos Linguísticos)-Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2009.

SOUSA, L. **Variação na partícula negativa pré-verbal em negativas sentenciais no dialeto mineiro**. 2004. 82f. Monografia (Bacharelado em Estudos Linguísticos)-Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2004.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros. Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V.

A. (Ed.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. 1. ed. Londrina: UEL, 1998. p. 45-72.

Received on October 28, 2011.

Accepted on July 17, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.